LINHA DE PERDIÇÃO

Autor: FERNANDO CÍCERO RIBEIRO

Para Denise, Fernanda e Hugo, os meus companheiros de uma vida inteira, que me souberam dividir com este estado de sonho permanente que é escrever uma história.

Capítulo 01

Até onde eu consegui saber, o meu pai nunca tomou conhecimento do seu engano ao pronunciar o meu nome para o tabelião do cartório de registros de Goiás Velho. Erros a parte, acho que o sujeito viu graça naquela espécie de debique ortográfico, que visava apenas vitimar, "para todo o sempre", a criança dona do nome. O meu pai jamais percebeu a zombaria. Sem saber ler e escrever, era-lhe impossível medir a maldade do oficial do cartório. Em todos os meus dias de menina, lembro-me de ouvi-lo dizer o meu nome sempre em voz alta, de um jeito gritado, tomado na maioria das vezes de uma raiva, que com o tempo foi passando a nos

soar como alguma coisa bem natural. Nenhum constrangimento existia no seu modo rude de me chamar. Pelo contrário, o documento de registro do nascimento de sua filha mais velha era a grande conquista que ele levava consigo vida afora. Uma relíquia que ele guardava a sete chaves, mostrada apenas umas poucas vezes em minhas lembranças de infância. Nenhum dos seus três outros filhos ele havia conseguido registrar. Em sua percepção estreita, ele desconhecia qualquer erro na minha certidão que pudesse lhe roubar uma tasquinha sequer daquele seu orgulho besta. Sei lá se ele tinha mesmo alguma pretensão de significado para aquela sua escolha de gosto tão duvidoso. Acho que o infeliz simplesmente gostou do ruído que aquela palavra áspera causava em seus ouvidos. Ursa Caetano das Virgens, esse foi o nome de batismo que eu tive de carregar como uma espécie de apodo por toda a minha vida. Certamente, o velho sertanejo morreria sem amenizar a impressão de selvageria que aquele nome atrelado ao meu corpo de mulher grande e abrutalhada fazia pesar em minha mente. Só bem mais tarde, relacionando o dia 21 de outubro, data em que eu cheguei a este mundo, com a folhinha dos santos da igreja, que eu vim a descobrir a possível razão daquele meu nome desventurado. Desde aquele dia, Santa Úrsula e as suas onze mil virgens passaram a ser as culpadas por aquele meu mau início de vida. O equívoco do meu pai eu soube relevar. Havia alguma boa fé por trás daquela sua escolha desditosa. Mas também

este foi o seu único pecado que eu lhe concedi perdão. Para todo o resto, pelo menos no que pudesse depender de mim, ele passaria bem longe da salvação.

Dei os meus primeiros passos sobre o chão pedregoso de alguma fazenda em que meu pai trabalhou como agregado. E cresci correndo por entre os pés de lixeira e pau-de-santo daquele pedaço de sertão abandonado por Deus. Naquele mundo de terra sem gente eu vi o céu e o inferno que podem nascer da vida conjunta entre um homem e uma mulher. Vi a força da danação tomar conta do meu corpo e, tive a dor e a saudade como prêmio de consolação pela minha teimosia e excesso de coragem.

Vivemos nos mais diferentes lugares da província, em constantes mudanças que nos impediam as raízes. Sem a mínima condição de uma escolha, habitamos em cabanas e taperas que cobririam de vergonha o pior dos lares. Das cercanias de Goiás Velho às brenhas da serra do Jaraguá, passamos por muitas lavouras e invernadas nebulosas, onde os limites do trabalho e da escravidão se misturavam embaciados, numa confusão medonha de difícil discernimento. As andanças do meu pai em busca de uma vida melhor pareciam cada vez mais nos afastar do mundo das gentes civilizadas. Entre propriedades exploradas por grileiros e terras de donos ausentes, o seu sonho de conquista foi-nos empurrando sertão afora. A família crescia a cada parada, transformando a sua procura em uma fantasia

inconseqüente e, o seu objetivo de vida num devaneio pueril, cada vez mais distante.

As nossas quatro bocas famintas acabaram por formar o fardo que fez assentar um pouco de juízo na cabeça leviana do nosso pai. Pelo menos por um tempo, tivemos as nossas vidas estancadas, sem as idas e vindas desarvoradas que nos roubavam qualquer prenúncio de um lar. Foi numa fazenda à beira do rio Meia Ponte, ao sul do distrito de Goiabeira, que eu me vi como gente pela primeira vez. Não me lembro de nenhum outro tempo ou lugar, por onde o meu pai e a minha mãe pudessem ter vivido ou trabalhado. Todo o resto antes disso, eu sei só de ouvir falar, não faz parte da memória juntada pelos meus olhos. Nesta fazenda, que eu me recordo sem cerca ou porteira de tão grande, o meu pai chegou a ser o que se poderia chamar de capataz dos poucos empregados que por lá habitavam. Uma peonada sem lei, que vivia feito bicho dentro de um galpão levantado com tábuas ordinárias, emparelhadas sem o menor capricho. Nós éramos a única família em toda aquela imensidão de terra e de água. Se fictícia ou não, a importância do cargo do meu pai deu-lhe vida extra por aqueles dias à beira do Meia Ponte. Lembro-me com afinco do seu grande orgulho de ser o homem de confiança de alguém que eu jamais chegara a conhecer. Segundo o que saía de sua boca gabarola, o dono era gente graúda da capital federal, do tipo que circulava fácil pelos

gabinetes do palácio do governo. Era difícil saber até onde havia verdade em suas palavras.

A minha mãe, mulher de viver dentro de casa, sem boca para lastimar e sem alma para se atrever, tinha a sua existência atrelada às vontades do meu pai. Servi-lo na cama e na mesa era a razão da sua passagem por este mundo cão, fruto torpe de algum deus de justiça estreita, que resolvera fazer do bicho macho a sua imagem e semelhança, cobrindo-o com todas as prerrogativas da criação. Mas a má sorte da pobre mulher, muito provavelmente, foi ter nascido dona de um corpo vistoso, moreno de sol e de nascença, que no meio do nada fazia vertigem nos olhos sempre famintos dos homens. Ainda, para complicar mais um pouco a sua sina, havia o seu jeito alheado, meio que indiferente, um verdadeiro agravo para alguém com pretensões firmes de assenhorear-se dos seus desejos. A sua alma distante parecia vagar entre a servidão e a alienação, tornando-a um constante mistério para quem a quisesse compreender de fato nas suas intenções. O olhar sempre triste de minha mãe foi por toda a minha vida a melhor lembrança que guardei do seu rosto. Mesmo quarando roupa nas pedras à beira do rio, cantarolando ao meu lado alguma cantiga para nos entreter, a sua feição impassível nunca se iluminava. Esta tristeza, segundo ela, pegada do seu pai e do seu avô, era resto de sangue da extinta nação dos Araés, que ainda jorrava sentido

em suas veias de mestiça desgarrada. Não me lembro de algum dia ter visto felicidade naqueles seus olhos mortiços.

Ainda sem completar os seus vinte anos, minha mãe já havia dado ao meu pai o seu quarto filho. E foi por volta daquela época, coincidindo com a minha lembrança mais remota, que a nossa vida miserável, mas ordinariamente pacata, começou a se tornar um inferno. Vivíamos assim, um dia após o outro, sem esperar nada de nada. Como bicho amontoado e sem uma utilidade aparente, apenas existíamos. Foi aí que tudo mudou. De um jeito rápido e inesperado, o céu desabou sobre nós.

Criança ingênua, eu não pude enxergar qualquer prenúncio do que estava para nos acontecer. Era certo que o relacionamento ensimesmado dos nossos pais encerrava os seus segredos. Talvez a tristeza de nossa mãe guardasse motivos que os meus olhos jamais pudessem enxergar. Não me lembro de ter percebido uma razão sequer que justificasse aquele desabamento abrupto do nosso pequeno mundo. Contudo, havia algo insidioso que vinha corroendo a nossa paz. Paz, que com o passar dos anos, cheguei a duvidar que algum dia houvesse feito morada entre nós. Era simplesmente, a vida tramando a nossa sorte.

Eu nunca saberei ao certo, quando realmente a nossa casa começou a se partir. Talvez ela tenha começado a ruir muito antes daquele dia de tormenta repentina. Só sei que teve uma tarde que a loucura do meu pai tomou forma,

roubando-nos o pouco conforto que ainda podíamos ter naquela vida. Uma tempestade de fúria havia caído sobre nós, desarranjando tudo à nossa volta, desmoronando o que era a nossa parca proteção.

Seguindo sempre as ordens do nosso pai, o capataz de todos nós, a nossa mãe tinha como sua obrigação, além da nossa criação, fazer e levar a comida no eito, onde o meu pai e os seus peões acharam de abrir mais uma lavoura de milho. Uma rotina desgraçada que me deixava sozinha, com apenas cinco anos de idade, cuidando dos meus três irmãos menores. Era sempre um momento ruim, o tempo que nós tínhamos de passar apartados de nossa mãe, à mercê de sei lá que tipo de gente ou de bicho que pudesse estar rondando por aqueles matos. Desconforto e receio sempre se misturavam confusos em minha mente. Eu não gostava daquela hora do dia, às vezes longa demais para a minha ingênua aprovação. Todo o mundo desaparecia sem deixar rastro, enquanto um vendaval de incertezas tornava pesado o nosso ar. Havia sempre aquela sensação de abandono, de que estávamos ao alcance do que ou de quem ali chegasse. Estávamos no meio do nada. Contudo, sem ver um outro jeito de lidar com a situação, aprendi muito cedo a sumir com os meus próprios medos. Na verdade, passei a esquecer de mim mesma para temer apenas pelo bem-estar dos meus. O que de certa maneira, passou a ser um pouco a minha triste sina.

Era somente mais um dia de fazer as mesmas coisas. A mormaceira do tempo dava cumplicidade à estagnação que pairava sobre as nossas vidas. Como a minha mãe deixara dito, eu já havia acabado de lavar as vasilhas do almoço, o que me liberava para brincar um pouco com os meus dois irmãos mais novos. Entre vaquinhas e porquinhos inventados a partir de pequenos pedaços de osso, íamos seguindo adiante, matando os minutos que corriam lentos ao nosso lado. Aquela tarde abafada já ia pela metade, quando minha mãe entrou em casa de um jeito esbaforido que normalmente não era o seu habitual. Alguma coisa de errado havia acontecido para tirá-la dos trilhos daquela maneira. Continuei parada, sentada onde os meus dois irmãos estavam. O silêncio reinava absoluto, sem a menor interrupção. A nossa mãe não me havia acostumado a perguntas e conversas. Ainda parecendo assustada, ela estava juntando as roupas sujas para levar para a beira do rio, quando o meu pai entrou bufando, quase derrubando a porta que estava apenas encostada. Completamente transtornado, de relho empunhado na mão direita, ele gritava o nome de nossa mãe. Sem nos poupar da terrível cena, o chicote trançado do sertanejo, acostumado ao couro áspero das bestas, encontrou as carnes macias da desgraçada mulher, da sua mulher, da nossa mãe. A pobre, encolhida no seu canto, aguentou cada chicotada sem a menor reação. Ela era apenas um bicho indefeso. Ninguém nos explicou o que estava acontecendo. Ninguém nos deu um

motivo para todo aquele tormento. O nosso choro não foi ouvido pelo nosso pai. Com o nosso griteiro, nós conseguimos apenas abafar o barulho angustiante da chibata rasgando a pele de nossa mãe. O capataz da fazenda só cessou a tortura diante da exaustão do seu braço carrasco. Resfolegando como um cavalo cansado, o suor lhe escorria solto pela cara. A nossa mãe estava destruída. Sobre o seu corpo, uma pequena nuvem de poeira que se levantara do chão de terra batida velava a sua humilhação.

_ Ajunta os seus pano de bunda e vai s'embora das minhas vista, sua quenga ordinária! _ estas foram as palavras que mudaram as nossas vidas para sempre.

Dita a sentença, o meu pai virou as costas e voltou para a sua roça. Minha mãe permaneceu estirada sobre o chão batido do que havia sido o nosso rancho mais duradouro. Sem força e sem vontade, ela só tinha o silêncio para lhe aliviar a vergonha. Fui eu, a sua filha mais velha, que mesmo sem saber como agir, que acabei me fazendo de suporte para colocá-la de pé. Um apoio puramente moral, já que a força física ainda me faltava.

Naquela mesma hora, sem quase esperar por sua necessária recuperação, nossa mãe juntou os nossos trapos num pequeno balaio de buriti , e levou-nos embora dali. Sobre o lombo de uma mula, eu e os meus dois irmãos seguimos atrás da desgraçada mulher, que ainda carregava a pé o seu rebento recém-nascido. Chegamos à entrada do distrito de

Goiabeira naquela mesma noite e, fomos direto para a única casa que poderia nos socorrer. Uma conhecida da gente, que de outras feitas a nossa mãe nos ensinara a chamar de madrinha. Eu nunca soube ao certo que tipo de relação poderia ter existido entre aquelas duas mulheres. Por sorte nossa, ela nos abriu a porta do seu casebre, que ainda parecia ser mais pobre do que o do nosso pai. Dormimos ali amontoados no que seria alguma coisa parecida com a cozinha daquela pequena tapera. O odor da terra batida misturado ao da palha seca nunca mais abandonou a minha memória. De certa forma, este passou a ser o cheiro da minha infância, que durante todos os meus dias disparou em mim o gatilho de um tempo perdido, de uma época em que eu precisava apenas respirar para me sentir feliz.

No meio da noite, após um pedaço de sono angustiado, eu acordei com o peito apertado, como se alguma coisa vital estivesse me faltando. Estranhamente havia culpa naquele meu sentimento. Aquele não era o meu lugar. Estávamos literalmente fora do ninho. E em minha consciência de criança, eu não poderia estar ali. Foi quando, no meio da escuridão, o murmurinho de duas vozes chegou aos meus ouvidos. Era uma conversa sussurrada entre minha mãe e a nossa falsa madrinha.

_ Vosmecê está sentido alguma coisa? Está com alguma gastura, Candinha?

_ Só dor no espinhaço, madrinha! Me arde as costas.

_ Mas me conta, menina, com'é que isso foi acontecer? Qual que foi o motivo dessa peia?

_ Já tem um tempão que o Fortunato danou de ter ciúme dos homem que trabalha lá com ele na roça... Foi desde qu'ele começou a me mandar levar comida onde eles tudo trabalhava. De lá pra cá, ele foi ficando dum jeito cismado que só vendo, que nem cobra ofendida. O Fortunato ficou parecendo que ficou doente, que nem se tivesse ficado ruim da cabeça! Um olho torto que fazia a gente sentir culpa até pelo o que a gente não tinha feito! Acho qu'ele ficou meio doido de tanto desconfiar!

_ Mas minha santa, isso lá é razão pr'ele fazer uma malvadeza dessas com vosmecê? Muito certo do juízo ele não pode estar mesmo não!

_ Desde que o tal de Floro veio pra trabalhar lá na fazenda, o Fortunato mudou mais ainda o jeito. Foi ficando cada vez mais aperreado. Sempre muito brabo comigo e com os menino... Punha defeito em tudo que eu fazia, mesmo que eu não estivesse fazendo nada!

_ Mas o que é que tem esse sujeito Floro, que deixou o Fortunato assim tão desatinado?

_ O moço é desaforado, sim senhora! Ele já não tirava as vista de onde eu passava! Vivia sempre com o olho espichado pro meu lado. Ele parecia não ter medo de nada!

Por final, ele começou a me arrodear e me cercar, sempre quando o Fortunato não estava olhando! O peste parecia uma tentação dos inferno!

_ Mas credo! E esse peitica buliu com vosmecê?

_ Só porque eu não deixei. Corri dele umas quantas vez!

_ E vosmecê, contou pro Fortunato?

_ Me faltou coragem, madrinha! Mas acho que o Fortunato já sabia só de desconfiar.

_ Mas por causa de que o Fortunato não pôs o infeliz pra correr de lá? Ele não é que nem capataz de toda aquela terra?

_ Acho que ele pegou cisma com o tal moço, despois que ele ouviu umas história de valentia dele. Sei não se aquela praga já não carrega alguma morte na carcunda! Tenho pra mim que o Fortunato ficou foi com medo do peste e, passou a descarregar a raiva que ele sentia tudinho em cima de mim. O Fortunato é um homem muito nervoso, mas nunca foi de muita coragem não! Foi mais fácil pr'ele colocar culpa em cima de mim, do que ir lá tirar satisfação com aquele excomungado que só sabia me atentar!

_ Dá pra ver a covardia do apostumado do seu marido, só pelo tanto qu'ele te bateu!

A conversa se extinguiu da mesma forma imprevista com que havia começado. Simplesmente, as duas mulheres pararam de falar. Foi como se subitamente lhes

houvesse faltado entusiasmo para continuar com aquele assunto de amargo sem fim. Contudo, a fala monótona da minha mãe havia explicado bem o porquê de tudo aquilo. Pelo menos assim, eu podia tentar entender o lado oculto de toda aquela violência, aparentemente gratuita e sem sentido. O ciúme doentio do nosso pai havia nos empurrado para aquela situação descabida. E o nosso desamparo só não era ainda maior graças à bondade daquela estranha mulher, a nossa tão misteriosa quanto providencial madrinha.

Passamos quase duas semanas sob o teto e a proteção daquela senhora de sorriso fácil, que na nossa desventura apresentou-se como um verdadeiro anjo caído do céu. Em sua casa não havia fartura como no rancho do nosso pai, mas como um milagre que se renovava a cada dia, nós não enfrentamos nenhuma privação naqueles dias. Quando tudo parecia minguar, mantimentos e dinheiro surgiam trazidos pelas mais diversas mãos. O movimento misterioso de homens e mulheres dentro da casa era constante e, não nos permitia dias iguais. Havia alegria naquelas visitas, e como crianças que éramos, deixamo-nos contagiar sem qualquer reserva. Foi fácil esquecer o nosso estado de abandono diante das novidades daquela tão diferente vida da cidade. A imagem sempre derreada de nossa mãe, com o tempo foi ganhando alguma vivacidade. Livre da presença massacrante do nosso pai, a sua aura já mostrava momentos de querer alumiar-se. E assim, por mais incrível que pudesse parecer,

estávamos mais felizes naquele estado de miséria iminente do que sob a segurança implicante do capataz da Fazenda Meia Ponte.

Como se o futuro não existisse, continuamos seguindo por aquele caminho fragmentado por pequenos favores e satisfações momentâneas. Minha mãe parecia não querer pensar no que seria feito de nós, para onde iríamos ou o que comeríamos no dia seguinte. Até porque, não havia alternativas que a motivassem a tomar alguma decisão. Sem cabeça ou condições materiais para nos dar um rumo, ela foi ficando por ali. A sua inércia era a prova de que estávamos perdidos. Estávamos simplesmente sobrevivendo da caridade alheia, amparados por aquele teto desprovido de esperança. O nosso horizonte estreito se estendia apenas até a refeição seguinte. Era o ponto mais distante que a nossa mente limitada conseguia alcançar. Não havia nada a fazer. Estávamos ilhados naquela casa de bondades e acolhida fácil.

Entretanto, foi numa sexta-feira de céu claro e vento fresco, que pouco antes do meio-dia vimos surgir na casa da madrinha a figura do nosso pai. De banho tomado e barba feita, vestido numa roupa domingueira, ele parecia um outro homem, diferente do sertanejo mal-amanhado ao qual estávamos acostumados. Desconfiei logo que ele estivesse atrás da nossa mãe, numa espécie de pedido de perdão por toda a humilhação que ele a havia obrigado a passar. Contudo, nenhuma intenção de reconciliação passava pela

cabeça torta do nosso pai. Estava claro pela sua conversa, que éramos somente nós, os seus filhos, o alvo do seu interesse. Minha mãe não fazia mais parte dos seus planos, o que tornava definitiva aquela mudança em nossas vidas. Ouvimos calados que ele havia deixado a fazenda em que morávamos e, que num acerto de contas com o dono, um bom dinheiro havia sido colocado em suas mãos. E foi somente até aí que nós, crianças, participamos da conversa. Numa operação precisa, a madrinha nos afastou para o quintal. O nosso futuro seria mais bem decidido sem a nossa presença.

Quando nos deixaram voltar para perto dos dois, as palavras já eram de despedida.

_ A gente não tá mais encangado, mas os menino, quando ocê embestar de querer ver, ocê vai poder. As porta lá de casa vão ficar aberta pra mãe deles! _ o nosso pai disse com a amabilidade que lhe era possível. Apesar de aquele armistício nos devolver alguma estabilidade, testemunhar aquelas palavras fez abrir um lanho em minha alma. Era a nossa mãe e o nosso irmão, um bichinho ainda de colo, que estavam sendo apartados de nós.

Minha mãe tinha os olhos vidrados por duas lágrimas suspensas, que pareciam congeladas por algum sentimento gélido, que no meu entender, bem poderia ser de ódio ou de desespero. As crias lhe estavam sendo arrancadas e, o seu espírito resignado acatava em silêncio o que lhe havia sido imposto. Não havia armas para lutar, apenas uma dor

ordinária, aguçada ao extremo pela enorme sensação de impotência que aquela situação lhe obrigava. Contudo, sob a promessa de comer pastelinho doce e chupar alguns alfenins, eu e os meus dois irmãos ignoramos o sofrimento da pobre mulher e, seguimos rua afora ao lado do nosso pai. Alguma coisa em mim dizia que dificilmente eu a veria de novo. O nosso irmão cresceria sem o convívio dos seus. Havia uma certeza em mim que ele seria um desconhecido para a gente. Mas eu era criança demais para me prender a alguma intuição, por mais forte que ela pudesse ser. Não havia outra coisa a fazer senão seguir as ordens do nosso pai. Era ele novamente traçando o rumo das nossas vidas.

Três dias e duas noites se passaram desde aquela despedida até chegarmos às margens do rio Vermelho, no Goiás Velho. Durante toda a viagem, o nosso pai, carinhoso de um jeito diferente, não lembrava em nada o sertanejo metido a capataz da fazenda Meia Ponte. Num empenho surpreendente, ele tentava ocupar as nossas mentes com histórias e os nossos corpos com guloseimas, que de tempos em tempos emergiam de um enorme saco de aniagem que ele carregava preso ao lombo de sua égua. Era nítido que ele queria nos poupar do sofrimento de ver a nossa mãe sendo deixada para trás. De certa forma o nosso pai conseguiu ter sucesso no seu intento. O cansaço da cavalgada não nos impediu alguns momentos de pouca diversão. A nossa dor parecia ter ficado para trás, espalhada em cinzas por entre os

matos e capões queimados que marcavam a nossa trilha. Na nossa ingenuidade de criança estávamos quase felizes, como se tudo aquilo não passasse de um sonho de horas contadas. Era o jeito mais fácil que eu havia arranjado de tocar a vida para frente. E como se as coisas só dependessem do meu querer, alguma coisa no fundo da minha alma queria muito acreditar que as nossas vidas voltariam ao normal, e que tudo era apenas uma questão de esperar o tempo certo.

Já havia passado do meio-dia, quando paramos diante de mais uma casa de alguém conhecido do nosso pai. Relações antigas, de épocas que eu não havia vivido. Com o nosso burro já amarrado à sombra de um pequizeiro, ele foi nos descendo um a um, para dar início a mais aquela visitação. Eu não imaginava que aquela seria a nossa parada final, e muito menos, de que aquela moradia pudesse ser de alguém tão próximo da gente. Envolta por um mar de desconfiança e acanhamento, eu fui apresentada à nossa tia Lúcia, a irmã mais velha do pai, de quem eu sequer sabia da existência. Descobri também que havia um tio Gumercindo e mais quatro primos, todos mais velhos do que nós. A casa de tijolo vermelho chamou a minha atenção. As suas paredes de alvenaria destacavam-na de todas as nossas outras moradas. A fantasia inicial de que teríamos uma vida melhor naquele lugar roubou-me completamente o senso crítico de que iríamos mais uma vez viver do favor alheio. Fomos acolhidos como parentes em estado de visita, e aquela euforia da

chegada confundiu-me o juízo. Havia calor na forma com que fomos recebidos. A nossa tia desdobrava-se em mesuras e pequenos agrados. Éramos a novidade, os seus sobrinhos nunca vistos, e sei lá se não, recém descobertos. Um almoço arrumado às pressas foi colocado sobre a mesa. Ficaria para sempre em minha memória o gosto bom do arroz de pequi com galinha frita que a tia nos serviu naquela chegada. Eu estava faminta de tudo, e ela parecia disposta a querer me saciar. Acho que eu nunca havia sido tão paparicada. Amparados por aquela estrutura sólida, era indisfarçável a sensação de que estávamos no céu novamente.

O clima de reencontro parecia inesgotável. O nosso pai parecia remoçado ao lado de sua irmã mais velha, que com jeito de mãe pegava para si, pelo menos por ora, o fardo da nossa criação. Por um tempo, ele era de novo um homem solto, desobrigado, independente para achar o rumo de sua própria vida. A casa da tia Lúcia havia se encaixado com perfeição em nossas vidas tortas. Todos os problemas pareciam resolvidos. Aquela tia bem poderia ser a mãe que nos fora proibida. Eu, de uma forma abominavelmente egoísta, aceitei de prontidão aquela nova situação. Renegar a memória de minha mãe, mesmo que fosse durante aqueles poucos dias, foi algo que mais tarde só me fez encher de remorso.

A nossa adaptação acontecia rapidamente. O passado apagava-se na mesma velocidade, levando junto

consigo as saudades amargas que eu guardava da nossa outra vida. Era um recomeço, em que eu, por falta de uma opção ou por puro oportunismo, apostava todas as minhas fichas. Não havia autocrítica naquela minha nova forma de viver. Era preciso seguir em frente, aproveitar a oferta generosa com que me acenava a vida. Entretanto, não demorou mais do que alguns dias para que o nosso passado voltasse a nos alcançar. Era um final de tarde poeirenta, de muito sol e quase nenhuma umidade, quando eu vi surgir na casa da tia o vulto de nossa mãe. Havia algo de perdição na imagem que ela fazia. A pobre, carregando o nosso irmão em seu colo exausto, parecia tão desamparada quanto qualquer animal doente desgarrado de sua manada. A minha primeira reação ao ver aquele ser errante, foi a de correr na sua direção. Um longo abraço apertado, era tudo o que eu mais queria dela. Mas não me lembro de ter conseguido alcançá-la. O nosso pai, como que lendo os meus pensamentos, meteu-se entre nós duas, não me deixando alternativa senão ouvi-lo em sua ameaça.

_ O que é qu'ocê tá cheirando aqui, praga dos inferno?

_ Mas meu Deus, ocê disse que eu podia ver os menino quando eu quisesse... _ a nossa mãe respondeu quase sem voz.

_ Isso foi noutro dia! Muié-bisca que nem ocê não tem querer nenhum não!

_ Mas homem de Deus... E esse seu filho aqui? _ a pobre mulher tentou retrucar, apontando para o nosso irmão em seu colo, mas faltou-lhe força e coragem. Ela tremia inteira.

_ Que filho coisa nenhuma! Esse bacurim pesteado nunca foi meu filho! Agora venta daqui, antes que eu meta uma bala nessa sua cara lavada de muié da vida! Vai, some daqui! E nunca mais me aparece na frente, nem pra mim e nem pros menino!

Com a porta fechada em sua cara, a nossa mãe voltou para o seu mundo da mesma forma como chegara até nós, sem sequer nos levar um abraço. Aquela foi a última vez em que eu ouvira a sua voz. Os seus olhos eu sequer pude enxergar. Não houve tempo para o que seria a menor das despedidas. A nossa mãe foi simplesmente expulsa do meu campo de visão. Naquele exato instante eu soube o que seria da nossa convivência dali por diante. A sua imagem e a do nosso irmão caçula começaram a se acinzentar em minha mente desde então. Nenhuma cor sobreviveria àquela separação. Elas já estavam fadadas ao esquecimento, como uma fotografia que vai ficando cada vez mais arranhada e desbotada pelo tempo e pelo descaso. O desejo do meu pai já se fazia cumprir. Luzes e cores pareciam se desfazer em minha mente, levando embora qualquer vivacidade que pudesse dar entorno à lembrança de minha mãe. Eu estava em choque, sem saber o que fazer. Num instante, tudo havia

ficado fosco, meio morto. Eu quis gritar por ela, mas a minha covardia não me deixou ousar aquele último adeus. A figura do sertanejo à minha frente era uma muralha intransponível. Correr até ela não estava ao meu alcance. Eu precisava de algo dela que eu pudesse conservar comigo, mas tudo me foi proibido. Nenhum carinho, nenhuma despedida, nada mais eu pude guardar da minha mãe. Aquele abraço não dado me doeria por toda a minha vida. O meu irmão e a minha mãe haviam partido para sempre, e o meu maior remorso foi não ter ido com os dois. O meu pai, como um juiz sem qualquer piedade, havia decretado a sua sentença de morte, a morte da sua lembrança, a morte do que poderia ser o nosso relacionamento. Tudo deveria ser apagado, como se isto nos fosse possível. O ódio do nosso pai aniquilou também a parte mais cara de nossas almas. Estávamos todos perdidos. Condenados ao pior dos castigos, e pelo nosso próprio pai. Não havia perdão que pudesse salvá-lo da danação eterna. Pelo menos, foi o que eu passei a lhe desejar.

Capítulo 02

Por doze dias permanecemos todos juntos na casa de tijolo vermelho. Deixando de lado a euforia em excesso do primeiro dia, tia Lúcia continuou a mesma, sempre nos tratando muito bem. Tínhamos tudo nas mãos, de um jeito dado que ainda estávamos pouco acostumados. Ou na mesa ou no quintal, andávamos em tropa. Sete crianças correndo e brincando o tempo todo, numa tropelia que só fazia arrancar os risos da nossa tia. Diferente de todas as pessoas que eu já havia conhecido, a sua serenidade parecia inesgotável. Não seria muito dizer, que a tia era mesmo inatingível. Nada parecia contrariá-la. Com isso, estávamos sempre embolados com os nossos primos em brincadeiras de pique e amarelinha, que de certa forma nos poupava de qualquer pensamento ruim. O nosso pai saía sempre para a rua. Junto com o tio ou sozinho, ele passava os seus dias em busca de alguma ocupação. O seu dinheiro certamente devia estar se esgotando, assim como a sua paciência com o nosso peditório já mal acostumado. Sob os cuidados displicentes de nossa tia, que nenhuma obrigação nos exigia, os nossos dias

simplesmente voavam. A vida nos parecia leve e, o futuro, muito pouco me interessava.

Eu demorei quase um dia inteiro para perceber que o nosso pai havia partido sem a gente. Perguntei por ele umas duas vezes, num descaso tão grande que não esperou sequer por alguma resposta. As brincadeiras preenchiam-me completamente, sem me dar tempo para raciocinar sobre o que se armava à nossa volta. Já era final de tarde, quando a tia resolveu explicar o que realmente estava acontecendo.

_ O pai d'ocês vai ficar fora uns dia, pra mode de ajeitar uma casa pr'ocês ir viver. É só a conta d'ele arrumar tudo, qu'ele já volta pra buscar ocês três!

Eu ouvi a explicação sem me importar, e com a cara mais deslavada do mundo eu já saí correndo para uma última brincadeira, antes que a noite nos obrigasse ao descanso. Para mim, estava tudo do melhor jeito possível. O nosso pai poderia ficar fora quantos dias ele bem entendesse. A sua ausência pouco nos dizia. Acho que ele poderia até mesmo nunca mais voltar. Indiferença e mágoa se misturavam num só sentimento. Era-me impossível perceber sua falta naquele primeiro instante. Ficar na casa daquela tia jamais nos seria um peso. Comer e brincar, isto era o resumo dos nossos dias. Apesar de naqueles dias estarmos feito órfãos, a minha vida estava a contento, quase nada me faltava.

No entanto, após algum tempo sem o nosso pai por perto, as coisas começaram a mudar. O convívio pouco a

pouco foi se tornando pesado. Dias custosos estavam por vir. O novo se tornou velho, e nenhuma novidade poderia ter forças para mudar o curso das nossas vidas dentro daquela casa. O bom humor da nossa tia não passava de uma mera lembrança daqueles dias da chegada. Um azedume cruel, antes inexistente, passou a dar o tom de tudo o que saía de sua boca. As brincadeiras com os primos maiores deixaram de existir, para dar lugar às brigas e implicâncias comuns entre crianças. Os defeitos antes escondidos surgiam como espinhos nocivos à nossa convivência. Fomos empurrados para qualquer canto que ficasse à margem daquela família. Pouco a pouco, eles foram nos mostrando qual deveria ser o nosso lugar. Éramos apenas desconhecidos que de uma hora para outra haviam se juntado para morar sob um mesmo teto. Intrusos, foi como nós passamos a nos perceber diante dos olhos dos nossos tios e primos. Todo aquele lar fantasiado pela minha cabeça fraca havia desabado. As dificuldades existiam, e não eram poucas. Tia Lúcia estava sendo obrigada a tirar da boca dos seus para alimentar as nossas goelas sempre famintas. Um despropósito que ela fazia questão de não deixar passar em branco. A vergonha batia em nossas caras, sem, contudo, diminuir a fome exasperada dos nossos olhos infantis. Avidez infernal que nos destituía de qualquer orgulho. Éramos obrigados a continuar naquela vida de favores. Não tínhamos alternativas. Precisávamos sobreviver. Não havia o que fazer, senão engolir a rabugice cada vez

maior da irmã do nosso pai. A humilhação era um prato obrigatório junto com o cada vez mais escasso pão daqueles dias. Não havia como recusá-lo. Não havia orgulho suficiente para nos manter com as barrigas cheias por tanto tempo.

Nenhuma notícia sobre o rumo do nosso pai parecia existir. Ninguém sabia de nada. Ele poderia estar tanto vivo quanto morto. A sensação de abandono havia crescido forte dentro de mim. Tia Lúcia destilava sobre nós toda a sua indignação com o descaso imperdoável do nosso pai.

_ O Fortunato me paga por esse desarranjo, aquele abusado duma figa! _ ela deixava escapar por entre os dentes, numa altura de voz sempre suficiente para alcançar os nossos ouvidos.

O nosso pai estava realmente abusando da boa vontade de sua irmã, isso eu já havia compreendido na minha própria carne. Todos aqueles dias e meses vivendo à custa daquela família haviam nos transformado em pequenos exploradores, e o nosso pai, com o devido merecimento, no sujeito mais folgado e irresponsável que alguém poderia ter imaginado. “Quanto tempo a gente teria de viver daquele jeito, implorando pelas migalhas pesarosas da mesa da nossa tia?”, eu me perguntava todas as manhãs, na esperança de aquele ser o último dia longe do nosso pai.

Para proteger os meus irmãos e nos poupar de surras e constrangimentos cada vez maiores, eu precisava

cuidar-lhes os passos. Era vital para nós que eu me fizesse forte, mesmo que fosse um mero disfarce para ocultar a vergonha que passou a ser a nossa companheira naqueles dias na casa de tijolo vermelho. E tanto era verdade, que aquela pincelada de solidez, que me garantia alguma resiliência diurna, derretia-se em lágrimas ao primeiro negrume trazido pela noite. Era um pranto surdo, cujo grito eu trancafiava no fundo da minha alma. Com o tempo, eu parei de rezar pela volta do nosso pai, e coincidentemente, eu também parei de chorar.

Quase dois anos se passaram desde então. Todas as minhas impressões sobre um tempo futuro já se haviam apagado. A minha mente havia se cansado de tanto esperar. Nada de planos ou sonhos, o menor deles só conseguia me fazer sofrer. Eu vivia um dia de cada vez, já sem qualquer esperança de um amanhã mais digno. Por necessidade, a gente se acostuma a viver na mediocridade. Aprendi cedo que dependíamos como nunca de qualquer dose de misericórdia que nos fosse dispensada. Com o tempo, eu já não passava de uma mendiga dentro da casa da minha própria tia. Ciente de que a humildade era a chave que poderia destrancar o duro coração da irmã do nosso pai, eu quebrei o meu orgulho e guiei os passos dos meus dois irmãos menores. Protegê-los era a minha única preocupação. Uma proteção até certo ponto ilusória, mas que me fazia sentir viva, que mantinha acesos os laços de sangue que ainda me restavam. Esta era a guerra

silenciosa que eu deixava travar em meu peito. Mas no final, o sentimento morno que me despertava a gratidão daqueles dois pequenos incautos, já não contrapunha a chama fria do ódio que tomava vulto em minha alma. Era o mal destruindo, minando o que de bom havia nascido comigo. Eu estava contaminada para todo o sempre.

O dia já ia pela metade, em mais aquele domingo tristonho que passávamos juntos na casa de tijolo vermelho. A mormaceira do tempo acrescida da modorra contagiante que emanava dos olhos embaciados do nosso tio não foi suficiente para afastar tia Lúcia de suas intenções sacrossantas de montar o seu pequeno oratório. Sem gozar de qualquer privilégio, o pobre homem não seria poupado da sanha religiosa de sua mulher. Nem ele nem qualquer outro morador daquela casa estariam dispensados daquele momento de monotonia insuportável. Sentada no chão, num canto quase invisível do pequeno cômodo que fazia as vezes de sala, eu tentava conter o ânimo pueril dos meus dois irmãos. Risos e grunhidos eram abafados por pequenos beliscões que eu lhes dava de instante em instante. Um rigor posológico que lhes evitaria os castigos da tia. Não havia alternativa, era sofrer ou sofrer. Ainda que meio incoerente, aquela era a minha forma eficaz de protegê-los.

_ Ai de quem der um pio na hora da minha novena! _ alertava tia Lúcia olhando em nossa direção, enquanto ajeitava a imagem de sua Nossa Senhora D'Abadia

sobre a pequena mesa transformada em altar. Alguns caroços de milho foram deliberadamente jogados ao lado de sua cadeira, um aviso para quem ousasse interromper a sua meditação sagrada. Os meus joelhos já haviam experimentado a dor causada por aqueles grãos escolhidos a dedo. Eu faria qualquer coisa para tê-los bem longe de mim e dos meus irmãos. E assim, no mais completo silêncio, o tio e a tia dormitaram em suas cadeiras. De tempos em tempos, o ressonar pastoso que emergia da garganta sonolenta do tio misturava-se ao sussurro de ladainha que tia Lúcia mantinha ininterrupta. Os terços que pendiam de suas mãos disfarçavam aquele cochilo em algo parecido com o que seria uma reza dominical. Uma encenação grosseira de uma novena que só servia para aumentar a nossa angústia. Nunca tive certeza se emanava daqueles corações algum tipo de oração, ou se tudo aquilo não passava de uma prova de tortura, com o único intuito de nos disciplinar.

O fastio seguia escalavrando as nossas almas ainda infantis. Já não aguentávamos mais a morosidade daquela infinidade de minutos perdidos. Qualquer coisa seria melhor do que estar ali parada, à espera do castigo iminente. Mal podíamos nos mexer naquela hora de falsa reza. A imobilidade de nossa tia era algo perigosamente incrível. Rígida como uma morta e, ao mesmo tempo, atenta como uma jaguatirica, tia Lúcia parecia prestes a dar o bote sobre o menor sinal de barulho. Foi neste clima de desassossego

mudo que o nosso pai foi nos reencontrar. Mais uma vez a figura do velho sertanejo apanhou-nos de surpresa. Bem do seu feitio, ele parecia apreciar essas aparições repentinas. Sem bater palmas ou fazer qualquer alarde em sua chegada, ele irrompeu porta adentro, arrancando olhares espantados dentre a pasmaceira que pairava sobre todos nós. Foi imediata a nossa reação. Um bulício feito de resmungos e protestos abafados ocupou os quatro cantos da casa. Ninguém pareceu ter convicção bastante para romper com a inércia daquele murmurinho que omitia a verdadeira insatisfação daquela gente. Foi o meu irmão do meio que pôs um ponto final àquela reclamação surda, que crescia enrustida na mais pura covardia.

_ Graças a Deus, é o pai! Ele voltou! É ele! O pai tá vivo de novo! _ o pequeno saiu gritando e correndo pela casa. Tive vontade de fazer o mesmo, mas amarras invisíveis seguraram-me quieta em meu lugar. Há muito eu já não sabia mais o que era ser espontânea. Eu havia me desacostumado a agir livremente, sem medir as consequências, que de forma inevitável acabavam sempre por me doer na carne.

Com o griteiro que rapidamente tomou conta dos meus dois irmãos, a minha tia e o meu tio não tiveram alternativa que senão deixar cada qual o seu assento e ir de encontro ao recém chegado postado diante da porta. A má vontade deu o tom daquele reencontro fraternal.

_ Uai Fortunato, que novidades são essa? Tinha pra mim, qu'ocê já tinha escafedido desse mundo! Me admira muito ver ocê gordo e forte desse jeito, em carne e osso como tudo que é gente à toa que tá viva, zanzando por esse mundo de meu Deus!

_ Por um acaso, ocê tá descontente com a minha volta, minha irmã? Parece até qu'ocê tava querendo que eu já tivesse batido as bota!

_ Isso é ocê que tá falando! Mas de certo que isso ia ser mais bonito do que abandonar três filho pequeno como ocê fez com esses três pobre aí... Ocê deixou eles com uma mão na frente outra atrás, Fortunato! Ocê me adesculpe a franqueza, meu irmão, mas isso não é coisa que um pai direito faz com os filho não!

_ Eu não abandonei ninguém, Lúcia! Eu deixei os menino aqui pr'ocê cuidar pra mim, enquanto eu acabava de ajeitar um canto pra gente ir viver.

_ Ocê não me falou nada que ia demorar quase dois ano pra modo de arrumar essa tal moradia. Ocê podia pelo menos ter mandado alguma notícia! Eu me vi apertada com tanta boca pra dar o de comer. Mas de certo que alguma explicação ocê deve de ter pra me dar!

_ É, eu andei tentando me ajeitar lá pros lado do rio Verde, mais lá pro sul da província, mas não deu nada certo naquela desgraça! Foi só pra perder tempo! Acabei tendo de voltar! Agora, no mês retrasado, eu vim pra mais

perto d'ocês. Eu tô aqui a umas sete légua de Goiás Velho. Na verdade, eu tô de capataz numa fazenda aqui pertinho de Curralinho! _ naquelas últimas palavras do meu pai eu pude rever uma pontinha do seu velho orgulho. Orgulho besta que eu já conhecia de longa data.

_ Entonce, ocê veio buscar os menino de vez?

_ É, agora que a coisa deu uma melhorada pro meu lado, não tem mais porque eu deixar eles dando trabalho pr'ocê, minha irmã! Agora, eu tenho casa e mulher nova pra cuidar da gente! _ o meu pai disse aquela frase com a satisfação daqueles que conseguem vencer na vida. No entanto, aquelas suas últimas palavras fizeram gelar a minha alma. Ele já havia achado alguém para substituir de vez a minha mãe.

_ Pois muito bem, já não era sem tempo, né Fortunato! _ tia Lúcia disse num suspiro. Havia ali um desabafo irônico que ela precisava colocar para fora. Todo mundo entendeu, inclusive o meu pai.

A tia nem acabara a conversa com o nosso pai, e os meus dois irmãos já haviam chegado para perto da porta, cada qual carregando a sua pequena trouxa de roupa. Eles já estavam prontos para partir. Os olhos da tia faiscaram diante da atitude decidida daqueles dois pequenos mal-agradecidos. Ainda que ela tivesse alguma razão naquele julgamento, ela teve de conter o seu ímpeto disciplinador diante da presença intolerante do nosso pai. Foi-me estranho enxergar a tia Lúcia

daquela forma, tão submissa a alguém. Existia certa covardia na expressão que pairava inerte sobre o seu rosto.

Eu, ainda atrapalhada com a novidade dita pelo meu pai, esperei por alguma ordem que me fizesse voltar aos trilhos. Os meus tios em completo silêncio pareciam querer logo o desenrolar daquela situação que já durava quase dois anos. O nosso pai também permaneceu mudo. Ele parecia sem disposição para continuar com as explicações cobradas por nossa tia. Estava tudo muito confuso. A partir daquele dia, eu teria uma madrasta, alguém para ocupar o lugar que sempre fora da minha mãe. Ainda sem saber até que ponto aquilo seria ruim, a ideia já me parecia abominável. Não havia mais esperança para a nossa antiga família. Tudo estava para mudar. Em mais uma reviravolta inesperada em minha vida, o meu pai era o epicentro de tudo, a razão de todo o meu estremecimento. Em poucos minutos aquele turbilhão de acontecimentos desnorteara ainda mais a minha já sabida falta de rumo. Diante daquele impasse momentâneo, eu resolvi decidir por mim mesma o que fazer. Sem mais pensar, eu saí estabanada à cata das minhas coisas. Porque fosse o que fosse a nova vida alardeada pelo nosso pai, eu não queria ficar para trás quando ele partisse daquela casa. Eu iria com os meus irmãos até o fim do mundo. De forma alguma, eu não suportaria mais continuar sendo um peso na vida daquela gente. Era um risco que eu não estava nem um pouco disposta a correr.

Saímos naquela mesma tarde rumo à nossa nova morada. Tentei em vão imaginar como seria a nova mulher do meu pai. Nenhum dos meus pensamentos conseguiu me levar àquele futuro tão próximo. Todos eles pareciam entrecortados por uma estranha ansiedade, que os fazia dissipar sem qualquer consistência. Havia um medo irracional, que não me deixava acreditar na nossa sorte. A minha mente parecia aérea, o meu raciocínio era inconclusivo, perdendo-se com rapidez sem me dar pistas do que poderia estar me aguardando. Por final, eu desisti de prever qualquer coisa. Eu não conseguia me concentrar o suficiente para levar a cabo nem a mais medíocre reflexão. Era mais fácil deixar o meu corpo ser conduzido pelo meu pai, sem me preocupar por enquanto. Eu deixaria para pensar de novo quando chegássemos ao nosso destino. Por ora, era o máximo que eu podia fazer.

Cruzamos a Praça da Matriz de Curralinho quando o sol já começava a se avermelhar na linha do poente. A minha esperança de uma parada para a compra de pelo menos um alfenim foi minguando à medida que as poucas casas do vilarejo foram ficando para trás. Segundo o meu pai, ainda teríamos mais um bom tanto de estrada ruim pela frente, até chegarmos à fazenda onde nós faríamos pouso. O tempo limpo, com o seu céu de lua cheia, facilitou a nossa viagem naquele começo de noite. Chegamos ao nosso destino bem mais rápido do que eu havia imaginado. Uma fazenda de

nome Pitombas, a pouco mais de uma légua da pequena cidade que havíamos deixado para trás, essa foi a informação que o nosso pai nos passou no mais completo descaso, quase que como se ele estivesse falando sozinho. Muitas vezes em seus falatórios, um ouvinte era o que menos lhe fazia falta.

O breu que já se alastrava por tudo não nos deixou ver muita coisa da fazenda. Por um instante, eu pensei em pedir se teríamos alguma coisa para comer antes de nos ajeitar para deitar, mas a falta de uma estrutura que fosse parecida com a de uma casa fez-me desanimar da pergunta. Era melhor evitar desapontamentos. O fato era que a presença paterna parecia ter o poder de nos deixar um tanto dengosos, querendo coisas demais, daquelas que já nem estávamos mais acostumados. Até porque, durante todo aquele tempo na casa da tia, nós já nos havíamos habituado a dormir de barrigas vazias. Quando muito, nós ganhávamos um pedaço de broa dormida. Então, sem criar problemas que pudesse embaraçar o nosso pai, nós pernoitamos no galpão que foi se revelando ao nosso tato. Sob a fraca luz da chama do isqueiro de pedra do nosso pai, eu pude fazer uma rápida vistoria no pardieiro em que iríamos passar aquela noite. Eu e os meus dois irmãos deitamos embolados sobre um pelego improvisado que o nosso pai achou entre as mil tralhas que ali foram deixadas entre arreios, cangas e carroças. Ficamos ali meio que sozinhos, à mercê de toda e qualquer estranheza daquele lugar. A introspecção trazida pela escuridão avolumava

desconfortavelmente o barulho que eu já havia percebido desde o momento da nossa chegada. Um ruído profuso, constante, como se alguma coisa viva e enorme estivesse perigosamente próxima, a um passo de nos envolver por inteiro.

Dormi e acordei com aquela ameaça tocando os meus ouvidos. Renitente, a noite continuava a dominar o dia, impondo aos nossos olhos a mais completa falta de luz. Desconfiei logo que ainda faltava bastante tempo para a primeira claridade. Do lado de fora, numa espécie de alpendre mal-acabado, o nosso pai tomava conhecimento da propriedade junto ao encarregado do lugar. Tragos de cachaça surgiram do nada, era-me possível sentir o cheiro. Havia ali uma espécie de cerimônia, com o intuito único de facilitar a troca de informações entre os dois capatazes. Sem uma intenção deliberada, eles apenas mediam a força e o poder dos seus patrões. Uma vaidade servil, própria dos aduladores desejosos de alguma importância. Por motivos que eu equivocadamente julgava saber, o nosso pai estava mais alegre do que o de costume.

Não sei exatamente quanto tempo eu passei de olhos abertos à espera da primeira luz do dia. Pensamentos ruins, de quase nenhuma serventia, contribuíam para espantar o meu sono naquele final de noite. As horas se arrastavam lentas, como se quisessem zombar da angústia que aquela mistura de insônia e completa escuridão era capaz de me

infligir. Eu não conseguiria ficar ali, estática, por muito mais tempo. A pouca claridade que já começava a se fazer naquele final de madrugada bastou para me colocar de pé. Sem esperar pelo sol que ainda não havia nascido inteiro, eu fui encontrar o nosso pai roncando estrepitosamente, com a sua cabeça pendendo ao lado de um pequeno amontoado de tábuas sobre as quais o seu corpo descansava inerte. Olhei ao redor, descobrindo pela primeira vez o local que nos havia recebido. Havia ali uma paisagem estranha, completamente diferente do que a minha mente havia suposto. O movimento no curral, a poucos passos de onde nós estávamos, chamou a minha atenção quase que de imediato. Mais adiante, um pouco afastada de tudo, dava para se enxergar uma casa metida entre duas enormes pitombeiras, certamente a razão do frugal nome daquela fazenda. Com o meu estômago no buraco, dolorido de fome, eu pensei em ir até lá à procura de alguma pitomba que pudesse estar ao alcance das minhas mãos. Eu desisti no mesmo instante, não me atrevi a andar naquela direção, onde provavelmente estariam os proprietários daquele lugar. Algo me dizia que topar com algum deles àquela hora da manhã não seria uma grande idéia. Saí andando no rumo contrário, meio que explorando os arredores. Com um pouco de sorte, talvez eu ainda pudesse achar alguma coisa mais segura, com o igual poder de forrar a minha barriga vazia. Andei pouco mais do que umas dez braças, passando por dentro de uma mata baixa que misturava

capim e alguns pés espalhados de lixeira. Atravessei a passos largos aquele capinzal. Sem me dar conta, acho que eu estava mesmo era seguindo o estranho barulho que me atormentara desde o momento da nossa chegada. Já naquele instante, um rumor pesado espalhava-se absoluto, tornando-se mais forte a cada passo meu. Pulei a última moita meio que sem pensar, eu estava decidida a desvendar o estrondoso ruído que já fazia estremecer o chão sob os meus pés. Estaquei surpresa à beira da enorme queda d'água que se abriu diante de mim. Apenas mais um passo e eu seria engolida por aquele mundo de água espumante que caía logo abaixo dos meus pés. Atônita, numa quase tentativa de manter o equilíbrio, eu olhei para baixo, para os mais de seis metros de ribanceira que me separavam da superfície do lago que se agitava em ondas e baforadas de vapor. Alguns segundos, este foi o tempo que o meu susto demorou para se desfazer. De forma inexplicável, uma atração crescente foi tomando conta de mim. O rio que se entornava inteiro naquele buraco parecia querer levar consigo tudo à sua volta, inclusive eu. Aquilo tudo parecia tão irreal, e ao mesmo tempo, estava próximo demais de mim. Tanto, que era inevitável não me sentir fazendo parte daquele quadro. A perspectiva disforme daquele rio desabando caudaloso, todo de uma vez, parecia confundir os meus olhos. O barulho ensurdecedor, a nuvem refrescante que me voltava no rosto e a imagem estranhamente estática daquela enorme queda tão perto de mim pareciam querer me hipnotizar, puxando-me

ainda mais para a beirada do precipício. Por um bom instante, eu senti vontade de me deixar levar por aquela bruma densa que vinha lamber a minha cara. Não sei bem o porquê, mas ela me parecia tentadora. E assim, indecisa, sem saber que direção tomar, eu fiquei ali parada, de olhos estatelados naquela cachoeira que eu quase podia tocar com as mãos. E foi nesse transe esquisito e incontrolável que eu fui encontrada pelo meu pai. Não houve nenhuma fala ou xingamento, nenhum grito de alerta, pelo menos eu não ouvi absolutamente nada. Simplesmente, eu fui puxada de volta ao nosso mundo com toda a brutalidade que era possível aos braços do velho sertanejo. Ele havia me arrancado do precipício, da força aliciadora que me puxava para ele. Em sua rudeza, ele havia me salvado, me livrado da morte. Nada mais lhe importava, bastava a minha respiração para que a sua paternidade se fizesse plena, completamente satisfeita. Todo o resto não lhe era perceptível. Era o seu jeito de manter-me viva, sem, contudo, cuidar do enorme oco que eu já carregava em minha alma.

Capítulo 03

Santuza era o nome da mulher que o nosso pai escolhera para tomar o lugar da nossa mãe. Num fugaz processo de identificação, aquele nome soou-me tão estranho quanto o meu próprio. Miúda, Santuza era uma mulher de poucas carnes, dona de uma estatura que mais lembrava a de

uma menina crescida. Muito branca, de cabelos avermelhados, também tão ruins quanto os meus, ela guardava pouco viço em seu corpo mirrado. Praticamente nada, se comparado aos atrativos abundantes dos quadris de minha mãe. Entretanto, quem enxergasse o verde dos seus olhos amendoados provavelmente descobriria o que era o seu maior tesouro. Com toda a certeza, o nosso pai o havia descoberto muito antes de perceber os defeitos da substituta de nossa mãe. Eram olhos que hipnotizariam facilmente uma presa desatenta. Apesar da voz estridente, quase vitrificada, os gestos da mulher guardavam alguma gentileza. “Tudo quanto é história de bruxa fala que elas sabem encantar antes de mostrar a feiúra que elas são”, esse pensamento veio-me fácil, de forma praticamente inevitável. Talvez fosse apenas uma docilidade forçada além da conta, um tanto compreensível naquele momento de apresentação e reconhecimento. Eu tentei de alguma forma ponderar, mas desconfiada com todas as novidades que surgiam à minha volta, não pude deixar de enxergar falsidade naquele seu jeito amável, e tão convenientemente frágil. O rosto sofrido daquela estranha também escondia algo mais, que num primeiro instante eu não fui capaz de definir se era realmente uma nuance do bem. Tudo ali soava esquisito, e eu acho também, que eu estava fazendo força para que continuasse a ser esquisito. Na verdade, eu não estava disposta a amenizar nenhuma das estranhezas da nova mulher do meu pai. Eu

estava confusa, quase que compelida a duvidar da pouca sorte que pudesse me sorrir. Afinal, eu era “gato escaldado”, já havia me enganado com a minha bondosa tia Lúcia, e de forma alguma, eu estava disposta a cometer o mesmo equívoco.

Além da estranheza de ver o meu pai fazendo par ao lado de outra mulher, havia mais alguma coisa que me incomodava naquele casal. Era-me muito esquisita a visão daqueles dois juntos como marido e mulher, como se a disparidade existente entre eles tivesse o poder de me agredir. Ironicamente, o nosso pai parecia perder autoridade quando sua voz dividia espaço com a de Santuza. Como que enfeitiçado, ele e a sua ignorância passaram a fazer coro aos mandos e desmandos daquela estranha, ainda tão recém chegada às nossas vidas. E isto me era muito incomum. Desconfiei logo que a nossa madrasta fosse mais velha que o nosso pai. A confirmação só veio com o passar dos dias.

Santuza era uma mulher viúva. Ela havia perdido o marido para a maleita que assolava a região do Araguaia, no norte da província. Sem ninguém por ela, Santuza também trazia para aquela casa um filho do seu antigo casamento. Um menino mais velho do que eu, de tal jeito taciturno, que nos custou um bom tempo para descobrir a sua voz. Mas a sua quietude apenas escondia a brasa ardente que lhe desassossegava a alma. Ele era um moleque arteiro, de olhos caídos e uma boca babona, aberta nos cantos com certo

desleixo, que fazia tudo calado e às escondidas. Quase um demônio, o sonso Jesuíno era a promessa de inferno para a nova vida que eu inaugurava dentro daquela casa. Dali para frente, seríamos seis pessoas naquela estranha família que se formava. E pelas minhas contas, nada poderia mudar o que já estava feito.

A nova morada do meu pai não passava de um grande mocambo, com cobertura de sapé e paredes irregulares de barro seco e varetas de bambu. O chão de terra batida, que parecia igualar todas as suas casas, acabou achando caminho em minhas lembranças, algumas tão ruins quanto o mais amargoso fel. Por toda a volta havia um terreno fechado com tapume, onde na maior parte já estavam plantado os pés de mandioca brava que nos sustentariam com a farinha e a tapioca, o pão nosso de cada dia quando a escassez batesse em nossa porta. Não havia cômodos ou repartições. Cozinha, sala, quarto, tudo coexistia no mesmo espaço. Somente uma peça de pano puído fazia a divisória do que seria o quarto do meu pai e da madrasta. Uma transparente cortina que lhes dava o aconchego moral bastante para que pudessem se desposar a pouco menos de uma braça de suas crias. Apartados das nossas vistas, esta era a única privacidade possível na vida daquela família de laços tão forçados. Mas era somente isto, porque os ruídos noturnos do casal não tardaram a se tornar rotina em nossos ouvidos ainda ingênuos. Pouco conseguíamos entender daqueles gemidos e rangidos

que surgiam do nada, sem hora marcada ou qualquer anunciação. Somente o filho de Santuza, o endiabrado Jesuíno, parecia ter maldade suficiente para interpretar o que estava acontecendo. E sem voz para reclamar com a sua mãe, e muito menos com o nosso pai, ele fazia questão de descontar a sua raiva contida sobre quem ainda não tinha força suficiente para se defender. Éramos nós três, os filhos do Fortunato, que pagávamos por cada investida sofrida pela sua desgraçada mãe na calada da noite. As formas de vingança eram as mais variadas. Não lhe faltava imaginação. Jesuíno era dono de uma mente diabólica, que fazia das suas sem deixar o menor rastro. Um artista no que dizia respeito a praticar uma malvadeza. As suas maldades, ou artes, sempre tinham o poder de nos incriminar de alguma forma. Sofríamos em suas mãos e, ainda éramos obrigados a acertar contas com a pestilenta Santuza, que só enxergava a nossa culpa. Aos poucos, depois de muito sofrer, é que eu fui perdendo a inocência. Passei a relacionar os grunhidos noturnos do meu pai com as armações maliciosas do Jesuíno no dia seguinte. A sua desforra quase sempre me pegava desavisada, sem nos dar muita chance para qualquer defesa. Sentia-me como uma presa fácil, sem a mínima chance de ensaiar uma fuga. E mesmo se eu conseguisse arquitetar alguma defesa, não sei se a madrasta, já soberana inconteste daquele pedaço de chão, estaria disposta a executar a justiça que puniria o seu próprio filho. Eu e os meus irmãos estávamos numa arapuca sem

saída. E pelos meus pressentimentos não havia ninguém a quem eu pudesse recorrer.

Com a desculpa de me ensinar os afazeres femininos dentro de uma casa, Santuza obrigava-me a fazer tudo o que não lhe prestava pôr as mãos. O fato de ser a única filha do casal credenciou-me rapidamente para tornar-me a sua empregada pessoal. Logo cedo percebi qual seria a minha função naquele novo lar regido por aquela estranha. Uma serviçal, ou melhor, a mucama de minha madrasta. O meu pai, sem voz ativa em sua nova vida, ignorava completamente os abusos de sua mulher. Umas duas vezes, eu ouvi de sua boca que tudo aquilo era para o meu próprio bem, que uma mulher precisa aprender a cuidar das coisas do seu marido. Eu, por minha vez, explorada e, com o auge da minha infância roubada por aquela autoridade usurpada, não escondia o meu descontentamento com tanta obrigação inventada por aquela magricela. Passava os meus dias emburrada, cheia de olhares tortos, guardando no pensamento a promessa de uma liberdade vindoura. Acho que o meu ódio, de já tanto que era, recendia dos meus poros como algo rançoso, que precisava com toda urgência ser colocado para fora. Qualquer pessoa poderia senti-lo, bastava prestar um pouco de atenção em mim. E arguta como a madrasta era, a minha aversão por ela não lhe passava despercebida. Ela sabia muito bem da minha insatisfação com aquele seu jeito aproveitador, e coagir-me pela força e pela humilhação era

uma forma de manter-me sob controle. Com o passar dos meses, já nos conhecíamos bem o suficiente para saber que precisávamos nos livrar uma da outra. Eu só não sabia ainda, como isto seria possível para nós. Enquanto isso, beliscões e pequenos tapas eram a minha paga pelos meus serviços. Serviço, que muitas vezes, confesso que eu me esforcei para torná-lo imprestável.

Eram dias de calor, que nem toda a água do mundo parecia conseguir refrescar. A umidade, quase sempre tão incomum naquela região, estava contribuindo para aumentar o nosso desconforto. O lamaçal que nos cercava por todos os lados transformara a nossa morada numa prisão um tanto insuportável. Somente o meu pai se aventurava em algumas pequenas obrigações. Nada se podia fazer, a não ser esperar por dias mais secos, que nos devolvesse um pingo de liberdade sequer. Afetada em todos os seus sentidos, as chuvas irritavam profundamente a madrasta, obrigando-a ao confinamento daquela choça em que morávamos. Já não havia mais mandos que ela pudesse inventar sob aquele nosso teto de sapé. Ilhados, éramos obrigadas à modorra de uma vida sem ter o que fazer. E ver-me à toa, entregue à mais genuína preguiça, aguçava a impaciência da substituta da minha mãe. Um ódio gratuito e inexplicável parecia transtorná-la a cada encontro do nosso olhar. Acho que o meu jeito topetudo desafiava a sua tensa autoridade. Como uma jaguatirica enjaulada, a madrasta já não se agüentava, a sua

vontade de distribuir ordens e incomodar a minha pouca paz era maior do que ela mesma. Apesar do constante temor que ela me despertava, não posso esconder que me era bastante prazeroso vê-la naquele estado de tamanho desassossego. Contudo, para a minha tristeza, o aguaceiro de final de ano acabou nos dando um dia de trégua. O sol encoberto pelo céu ainda pejado de umidade foi a oportunidade que Santuza precisava para me pôr para fora de casa.

_ Vamos dando o pira daqui, menina! Tem muito serviço pra ocê fazer lá fora!

A ordem era quarar a roupa suja acumulada de todos aqueles dias. Obviamente com a minha ajuda, já que Santuza não dava mais um passo sequer sem me ter ao seu lado para o serviço mais pesado, fomos para as pedras à beira do córrego que cortava a propriedade um pouco para baixo da nossa casa. A correnteza mais forte, depois de toda aquela chuvarada, dificultou bastante o nosso trabalho. Várias vezes me vi caindo naquelas águas agitadas e sumindo para sempre das vistas daquela mulher. Aos trancos e barrancos nós duas conseguimos espalhar as roupas encharcadas de água e sabão sobre as poucas pedras disponíveis que o córrego cheio havia nos deixado. Bem antes do meio-dia, com a desculpa de aprontar o almoço do nosso pai, a madrasta deixou-me sozinha para terminar o serviço. Como obrigação, eu ainda teria de enxaguar, torcer e estender toda a roupa quarada num varal que ela mesma esticara perto de casa. Era preciso

aproveitar as poucas horas de mormaço que parecia querer nos derreter, antes que o céu voltasse a desabar em chuva sobre as nossas cabeças.

Já começava a entardecer, quando a madrasta surgiu no quintal, de um jeito esbaforido como se a casa estivesse pegando fogo. Eu já havia fechado no pequeno galinheiro a meia dúzia de galinhas carijós que ela resolvera criar. Eu estava certa de que aquela seria a minha última obrigação do dia. Entretidos com um pedaço de corda que havíamos achado preso à cerca, e sobre o qual tentávamos pular atabalhoadamente, custamos um pouco a perceber o que estava para acontecer. A gritaria da mulher, já estacada atrás de mim, pegou-nos desprevenidos. A vara de marmelo zunindo em sua mão foi o que primeiro chamou a minha atenção. Uma varada no braço e outra no pescoço fizeram-me pular desesperada, de um jeito tão alto que os meus dois irmãos menores explodiram num riso único. Eu era o alvo de Santuza. Ela queria o meu couro, e eu ainda não sabia por qual motivo. Só pensei em correr. Mas não adiantou, a sua mão foi mais rápida do que os meus pensamentos. A minha cabeleira havia ficado presa a ela, enquanto a sua outra mão distribuía golpes de vara em minhas pernas, que por puro instinto não paravam de pular. Eu não conseguia acreditar na força descomunal daquela mulher. O seu talhe delgado escondia um vigor que poucos homens se atreveriam a ter. Sob o calor abafado daquele céu de chuva, suamos juntas

naquela dança desesperadoramente interminável. Não havia ninguém por mim. Os meus dois irmãos correram para o mais longe possível daquele acerto de contas. Os vergões em minhas pernas e coxas deixados pela sua eficaz vara de marmelo, não deixavam dúvidas sobre a sanha que movia a substituta de minha mãe. Eu não poderia desprezá-la como inimiga. Aguentei como pude aquela surra inexplicável, que a meu ver, era totalmente sem propósito. Torci pelo seu fim com todas as minhas forças. Concentrei-me para resistir de pé, já que deitada o meu corpo ficaria à mercê dos seus melhores golpes. A respiração ofegante de Santuza já dava mostras do término daquela coça espetacular, quando num relance enxerguei os olhos de Jesuíno rindo de mim. Agachado entre os pés de mandioca e o tapume que nos cercava, ele apreciava o desfecho de mais um dos seus planos diabólicos. O meu ódio fez sumir o ardume que queimava a minha pele. Ali, ainda sob o açoite inclemente da madrasta, jurei vingança àquele doente miserável. Com ou sem inteligência, eu iria feri-lo de um jeito que ele jamais se esqueceria. Imaginar tal desforra foi única coisa que aliviou a minha dor. Jesuíno era o culpado por aquela minha humilhação e, ele me pagaria por tudo aquilo, com o risco de eu ter de levar dez surras iguais àquela.

Não demorou mais do que alguns minutos para eu descobrir o que havia acontecido de fato. Como havia pressuposto, Jesuíno estava por detrás de tudo. O canalha